



EXPOSIÇÃO DE VICENTE BRITO

MORTE E VIDA DEATH AND LIFE

A obra do médico Vicente de Brito é fruto de uma tradição cultural e criativa, patente na vida farenses desde o início do século XX, com particular desenvolvimento nos anos 50, que congregou pessoas de diversas formações em torno da Arte e da Cultura, temas centrais de concorridas tertúlias que contavam com a participação de eminentes advogados, jornalistas, poetas e romancistas que escreveram sobre estes temas nos jornais locais e que, nalguns casos, ultrapassaram a barreira da escrita e experimentaram o campo da criação plástica.

Nascido em 1939, Vicente de Brito é, como ele mesmo diz, um artista autodidata que se interessou desde cedo pela pintura: “ao longo da minha cultura artística as influências das diferentes correntes têm produzido os seus efeitos. O impressionismo começou por me atrair, mas a influência expressionista, sobretudo da corrente *Die Brücke*, é a com que mais identifico a minha pincelada.” Como o artista multifacetado, de origem algarvia, Roberto Nobre, que experimentou diversas técnicas e passou por vários movimentos de vanguarda na altura em que os mesmos se sucediam vertiginosamente em Paris com ecos no resto do mundo, pode dizer-se que a obra de Vicente de Brito é marcada por esta sucessão de ressonâncias e por uma cultura artística que se converteu, mais tarde, em obra pictórica.

Para mim, esta exposição, e o próprio artista, é fruto de uma herança que vem, precisamente, desde de Lyster Franco, passando por Carlos Porfírio e por Roberto Nobre, artistas que experimentaram o campo das artes e que nela se fixaram, apesar de desenvolverem outras atividades e de possuírem formação noutras domínios do saber: porque não conseguiram resistir ao apelo que as artes lhes fizeram e que decidiram criar um percurso, muitas vezes local, sem descurar no entanto a sua capacidade de pensar sobre o seu próprio tempo e deixar que este se refletisse nas suas criações, num plano universal.

São todos eles artistas que lutaram, muitas vezes, contra a incompreensão dos seus pares, agudizando a ideia de contradição, tão presente na arte desde o período das vanguardas. Mas é exatamente esta contradição que enriquece e alimenta a arte no *reino de Portugal e dos Algarves*. É esta mesma contradição que confere um carácter muito próprio ao que é aqui produzido. Há que se pensar a arte de cada país, de cada recanto de cada país, como um produto em que convergem o desejo de copiar o novo, que vem de fora, e aquilo que aprenderam a ver ou a fazer no seu pedaço de mundo. Não é uma visão determinista – pode-se sair do lugar em que se nasceu. O certo é que o lugar em que se nasceu, dificilmente, sai de dentro de nós. Pois como afirmou Vicente de Brito, “Sou Farenses e sempre vivi sob a influência da luz do sol meridional”.

Mirian Tavares